

Companhia de eletricidade do futuro: a minha casa



Há algumas forças ou tendências que parece que ninguém pode parar. Geralmente, no mundo civilizado, quando ocorrem é por força da natureza ou por força dos cidadãos.

Texto_Nuno Brito Jorge [CEO da Boa Energia e Presidente da Direcção da Coopérnico]
Imagem cedida por Boa Energia

O autoconsumo veio despertar Portugal para o seu potencial solar na era pós-subsídio, mas é muito mais que isso, é o início do fim do sistema como o conhecemos. Encontrem-se os argumentos que se encontrarem, a independência energética veio para crescer e para ficar.

É claro que estamos ainda a dar os primeiros passos para a adoção do autoconsumo mas, apesar de todas as demoras que a entrada em vigor do Decreto e as “ausências” da DGEG nos têm feito sentir, quem trabalha neste setor também já sentiu uma outra grande diferença: antes perguntávamos “o que é o autoconsumo e como funciona?”... agora perguntam “qual é a potência indicada e quanto custa?”.

Até podemos argumentar que o nosso regime é bastante positivo, é verdade quando comparado com outros europeus (não é por acaso que em Espanha nasceu a “deSOLbediência!”), mas há um aspeto que me causa especial preocupação, a “Compensação devida pelas unidades de produção para autoconsumo” (artigo 25º do 153/2014).

Sabemos bem que a rede elétrica de distribuição tem e terá o seu lugar, mas a fórmula prevista, ao incluir o valor da potência e também da previsão da eletricidade produzida, parece-me ir longe demais e não é no sentido do interesse dos consumidores de eletricidade.

É por estas e por outras, como mais um ano de subida dos preços da eletricidade em 2016 (já anunciado pela ERSE), que há mais uma pergunta feita com frequência às empresas do setor e que, neste caso, se mantém inalterada: “posso ser independente da rede?”. O que se tem alterado é a resposta.

Não quero aqui defender o fim das “utilities” mas caminhamos a largos passos para o “sim”. Aquilo que há 5 anos era um “sonho”, é hoje realidade. Já não é um desafio. É uma questão de tempo. As soluções técnicas já existem, estão disponíveis em várias formas e feitos e podem ser customizadas ao gosto, entenda-se “ao perfil”, de cada um. Temos as novas soluções integradas da Samsung, da SMA ou da Fronius, o inversor inteligente da

IMEON, novas tecnologias que prolongam a vida das baterias de Lítio, o potencial das baterias de Vanádio Redox, e tudo isto num movimento que atingiu o seu apogeu mediático com o Tesla Powerwall.

É tão óbvio que vai acontecer que todas as semanas lemos relatórios sobre isso. O Deutsche Bank diz que as baterias vão atingir o estado de “Santo Graal” nos próximos 5 anos, o Economist escreve sobre a substituição de grandes centrais produtoras por grandes baterias e a Bloomberg anuncia o fim da era das “utilities”.

Sabemos que em Portugal tudo o que acontece de revolucionário chega tarde e com menos força. Mas as renováveis foram a exceção. Fomos dos primeiros e soubemos fazer disso imagem de marca. Os portugueses já mostraram que a independência energética vai pelo mesmo caminho. Por muita gente a quem possa não interessar, nós, que trabalhamos neste setor, temos a responsabilidade de nos envolvermos e fazer com que aconteça. Afinal é nisso que os pequenos e médios empresários são bons!